

PAULINA CHIZIANE E AS ÁGUAS MÍTICAS DO FEMININO

Eliane Costa (UFES)¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo investigar alguns aspectos do romance *Balada de Amor ao Vento* (2003) da escritora moçambicana Paulina Chiziane, seguindo as águas-palavras de Moçambique. Entrelaçando as águas dos rios do país aos mergulhos de Sarnau, observamos como tradição e contemporaneidade modelam as personagens da autora, no intuito de constituir novas identidades femininas. Assim a literatura é o discurso em água corrente que banha e modifica lugares, destacando o olhar feminino sobre a realidade passada e presente do país.

Palavras-chave: Literatura – Gênero – Pós-colonialismo – Moçambique

SUMMARY

The purpose of this article is to suggest an analytical view on some aspects of the novel "Balada de Amor ao Vento" (2003), whose author is the Mozambican Paulina Chiziane, following the "water - words" of Mozambique. By relating the waters of the country rivers to Sarnau's diversings, it is possible to see how tradition and contemporaneity shape the author's characters in such a way to purpose new female identities. As such, literature is defined as a statement in running water whose role is reaching and changing other place, so it highlights the feminine view on the past and the present time of the country.

Keywords: Literature - Genre - Post- colonialism - Mozambique

¹Pesquisadora Pós-Doutoral no Programa de Ensino na Educação Básica-CEUNES-UFES. Professora-substituta no Departamento de Ciências Humanas. E-mail: elianecoordena@gmail.com

PAULINA CHIZIANE E AS ÁGUAS MÍTICAS DO FEMININO

Invenção inesgotável, esse parece o caminho que Paulina Chiziane (1955), delinea para ler as mulheres e Moçambique. A autora que se diz contadora de histórias nos trará, em seus romances, outra forma de contar a tradição; tomando a perspectiva feminina como mapa para remontar os espaços de Moçambique. Pela escrita de Chiziane conheceremos lugares mais próximos ao coração do país; o interior e seus costumes serão revelados por uma narrativa que se constitui em um

mergulho em costumes, lendas e perspectivas de populações distantes do litoral, o que, segundo entendemos, permite destacar uma das linhas de força de sua escrita: a evocação da tradição – seja dos ritos e crenças, seja das maneiras de contar – como força propulsora para uma modernidade do relato, fazendo com que a memória e tempo presente, ancestralidade e modernidade confluam em uma narrativa bastante densa. (MACEDO, 2003, p. 164).

Paulina Chiziane experienciou as diferenças políticas inscritas em sua terra. Sua escrita traz pelo menos os três tempos históricos do país: o colonial, a independência e o pós-colonial. Natural de Manjacaze, na província de Gaza, ao sul de Moçambique, a escritora veio para Maputo ainda criança e teve sua educação escolar na capital do país, sua língua materna é Chope. Em Lourenço Marques, atual Maputo, fala-se ronga e nas escolas aprende-se o português. Portanto, a escritora traz em sua experiência linguística o mosaico que compõe Moçambique e, conseqüentemente, na constituição de sua identidade.

Sua história pessoal traz as marcas de um mosaico de culturas histórico-físico-culturais, sua escrita é desenhada por esses traços. Na sua literatura, encontra-se mais que um olhar comprometido com o presente; observa-se também uma ampla reflexão acerca da relação entre tradição e a contemporaneidade, salientando o papel da mulher na construção das identidades de Moçambique contemporaneamente.

Considerada a primeira romancista do país, publicou seu primeiro romance *Balada de Amor ao Vento*, em 1990. Neste livro, temos estampadas as contradições entre os costumes locais e a colonização. A história é ambientada nos tempos da colonização e descreve o estatuto do “eu feminino” em uma sociedade patriarcal e poligâmica, localizada em Gaza, no sul de Moçambique, pois,

o Norte é uma região matriarcal, onde as mulheres têm mais liberdade, enquanto o Sul e o Centro são regiões patriarcais, extremamente machistas [...] onde a mulher, além de cozinhar e lavar, para servir

uma refeição ao marido tem de fazê-lo de joelhos. (ORNELLAS, 2006, p.27).

Apesar de negar elos com o feminismo, a escrita de Chiziane questiona os papéis que a mulher assume na sociedade moçambicana. No campo literário a autora destacou-se com a publicação de *Niketche: uma história de poligamia* (2004) – neste romance apresenta um mapa cultural, descrito por cinco mulheres que dividem o mesmo homem e moram em lugares diferentes de Moçambique. No entanto, já em seu primeiro romance *Balada de amor ao vento* (1999), traz à descrição dos espaços de sua terra misturados as personagens femininas que protagonizam seus romances.

Para desvelar o país, Chiziane assume a escrita em língua portuguesa, amalgamada à oralidade; sua palavra é linha que coze, no tear chamado amor, os panôs² do Feminino. A autora nos alerta sobre a compreensão de seu papel como escritora e de escrever em língua portuguesa:

Para mim, essa história de ser bilíngüe, ou trilingue, ter uma cultura africana e escrever numa língua europeia é um grande dilema. Porque muitas das idéias que eu tenho, as idéias mais belas e mais profundas, tenho-as na língua em que as coisas me foram contadas ou em certas acções foram realizadas, tratando-se de factos reais. Os momentos mais sagrados da minha vida, ou da vida de qualquer individuo só podem ser expressos na língua que aprendemos desde o primeiro momento. Para os meus filhos será talvez o português. Mas para mim? Nem uma expressão de amor, nem uma expressão de amargura, nada que se pareça, não pode ser em português. (CHIZIANE apud CHABAL, 1994, p.300).

Consciente de sua estratégia, a autora assume a matriz africana como sua voz cultural, mesmo considerando as intervenções da cultura dominante, a contadora de histórias denuncia:

Fomos invadidos pelos árabes. Guerreados pelos holandeses, portugueses. Lutamos. As guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para o outro, enquanto os barcos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo. Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, de pretos contra pretos. [...] As mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com semente no ventre, e deram à luz a uma nova nação. Os invasores destruíram nossos templos, nossos deuses, nossa língua. Mas com eles construímos uma nova língua, uma nova raça. Essa raça somos nós. (CHIZIANE, 2008, p.23-24).

² Um tipo de colcha de retalhos, feita a partir de tecidos africanos pintados de acordo com a cultura de cada região.

Assumir-se enquanto raça híbrida é também assumir os “nós” destes “nós”. Significa traduzi-los, na perspectiva apontada por Homi Bhabha(1998) e reafirmada por Stuart Hall:

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e redescobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”, e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução”. (HALL, 2006, p.87).

Chiziane aproxima-se da ideia de que as identidades são constituídas por diversos planos: histórico, político, social e cultural; compreende que essas determinações não são imutáveis. Dessa maneira, busca sedimentar uma identidade feminina balisada nessas mutações, questionando firmemente as imposições do masculino e suas tradições, desconstruindo uma identidade forjada por uma sociedade marcadamente herdeira de costumes patriarcais, coloniais ou não.

Balada de Amor ao Vento e as águas do feminino

Foi em Mambone, saudosa terra residente nas margens do rio Save, que aprendi a amar a vida e os homens (CHIZIANE, 2003, p.11).

Ambientado numa aldeia à beira do rio Save, no sul de Moçambique, o romance *Balada de amor ao vento*, conta a história de Sarnau, uma menina pertencente ao “rebanho dos Twalufo³”, sonhadora e geniosa, que ainda menina apaixona-se por Mwando, um garoto que estuda para ser padre. Mutuamente apaixonados, iniciam um romance que resulta na expulsão do aspirante religioso do colégio e o início das decepções afetivas da menina.

Sarnau segue a tradição de sua tribo, que acredita na força da natureza, na influência dos antepassados e na feitiçaria. Casam-se no regime poligâmico e praticam o lobolo⁴, dentre outros rituais. Mwando é cristão e assimilado⁵, portanto segue os costumes dos colonizadores, apesar de conhecer a tradição de seu povo.

³ Antiga tribo patriarcal situada na região de sul de Moçambique, antes da colonização portuguesa.

⁴ O lobolo é um tipo de dote, mas será explicado em detalhes mais adiante.

A menina entrega-se ao seu amor e engravida, mas logo descobre que o descompasso cultural que os diferencia, os separará. Mwando, após tomá-la como mulher, ignora a tradição do clã de Sarnau e não cumpre os ritos de passagem⁶ necessários para que a mulher seja abençoada por seus ancestrais e possa deixar de ser menina e tornar-se mãe. Sem coragem de enfrentar a própria família e em dúvida sobre as tradições africanas e as imposições da assimilação ao colonizador; Mwando abandona Sarnau, casa-se com uma mulher que foi escolhida por seus pais, seguindo os ritos do cristianismo e da monogamia.

Decepcionada com a escolha do seu amado, Sarnau começa uma peregrinação. A personagem tenta se matar, mas, como Mwando não cumpriu os ritos de passagem, é rejeitada pelos espíritos do rio de seus ancestrais. Perde o filho durante a tentativa de suicídio e segue desiludida com a vida.

Tempos depois, encontra a rainha dos Zúculas, povos de terras vizinhas – seguidores das tradições africanas. Sarnau encontrou uma senhora perdida e a ajudou, a mulher viu na menina bondade e falta de interesse social. Encatada, a senhora pediu que ela se casasse com seu filho, o príncipe Zúcula Nguila.

Sem esperanças de ter o amor de Mwando, sem questionar o destino e, sem avaliar o fato como sorte boa ou má, casa-se e parte para o reino desconhecido dos Zúculas. Torna-se melhor amiga da rainha, que lhe passa todos os ensinamentos necessários para viver feliz ao lado do marido e das demais esposas do futuro rei.

Nguila não trata Sarnau com carinho e respeito, apenas espera que ela lhe dê um herdeiro. Porém, a primeira gestação será de gêmeas, o que o enfurece e aumenta o desprezo pela primeira mulher. É deliberadamente apaixonado pela quinta esposa, Phati, que faz da vida de Sarnau um inferno.

Depois da morte do rei e da rainha, Sarnau, como primeira esposa, sucede a rainha e ocupa o posto de mulher mais importante na linhagem dos Zúculas, no entanto, sem sentir-se amada pelo rei, continua infeliz com o desprezo do marido, que quase não a procura intimamente. Desolada, reencontra o antigo amor, Mwando, que fora abandonado pela mulher, e retoma a história interrompida. Ela engravida do amante e fica em maus lençóis, pois há tempos não é possuída pelo marido. Com sorte consegue

⁵ A política de assimilação colonial portuguesa consistiu em destruir a tradição cultural de suas colônias, prometendo aos africanos que aceitassem a europeização de costumes; e assim compor uma elite colaboradora dos colonizadores.

⁶ No clã de Sarnau é permitida a poligamia, ou seja, os homens podem ter mais de uma mulher; mas devem agradecer aos ancestrais, jogando frutas e rapé no fundo do rio – onde descansam os espíritos de cada família.

uma noite de amor com o rei e, ao anunciar a gravidez, torna-se finalmente a senhora dos carinhos de Nguila. Isto gera fúria e ciúmes da rival Phati: essa passará por grandes humilhações e desprezo, prometendo vingar-se; passa a seguir Sarnau e descobre que o herdeiro do trono é fruto de uma traição.

Essa descoberta leva Sarnau a abandonar o rei e passar por muitas desgraças e tristezas. Sem adiantar as conclusões da análise, salientamos que a história de Sarnau é muito mais que uma narrativa de desilusões amorosas: é um brado de libertação compartilhado com as mulheres que se sentaram para ouvir-ler a aventura dessa plebeia-rainha – heroína-mulher.

Paulina Chiziane: um canto de amor nas águas de Moçambique

No sono de Vera há trovoadas, rugidos, estrondos. As águas de todos os mares elevam-se e abraçam o fogo da terra em Chamas. Dumezulu, o dragão dos céus, fustiga a terra com lanças de fogo. O vento ulula com insistência fazendo a chuva cair no dilúvio dos séculos. Sonâmbula, vai à janela para assistir o fim do mundo. Desperta. Não há dragão nenhum, nem chuva, nem trovoadas e a natureza continua o seu curso. Há uma voz que a chama. Mãe! Mas ela não escuta, os ouvidos ainda viajam no pesadelo. Mãe! Desta vez a voz ouve-se distante, nas ondas de fogo que pouco a pouco vai esmorecendo. (CHIZIANE, *O sétimo juramento*, 2008, p. 194)

Simbolicamente, a água é um dos elementos ligados à vida; é nossa primeira morada, lugar onde a vida é gestada. É o primeiro encontro de amor entre nós e nossa mãe. Primordial, é considerada o ponto de partida para o surgimento da vida - toda a vida vem da água- , daí sua simbologia estar ligada à matrix-mãe. É um símbolo do Gênesis, do nascimento e sempre nos reporta à origem. Associada ao banho e ao batismo, a água está relacionada à operação da Solutio nos textos da alquimia. É um dos símbolos do inconsciente, sendo que o ato de entrar na água e dela sair possui uma analogia com o ato de mergulhar no inconsciente; ser lançado à água é similar a ser entregue ao seu próprio destino. No *Dicionário de Símbolos*, verificamos o seguinte,

As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num mesmo reservatório de energia e nele beber uma nova força. (CHEVALIER, 1998, p.126).

Essa força pode ser identificada na voz da narradora que, ao comparar-se às demais mulheres, des-subjetiviza e universaliza o feminino, implementando o que é uma das marcas da escrita de Chiziane. A reflexão proposta pela autora pauta-se na realidade histórica e cultural de Moçambique e, para dar vivacidade ao texto e traduzir a vida, os costumes e comportamentos das mulheres em palavras, toma a oralidade como marca de sua escrita. Vale ressaltar que a tradição oral em Moçambique é fonte não somente para a literatura como também para a história. No entanto, precisamos compreender os modos como foram construídas estas instâncias da oralidade em África, de forma a evitar generalizações e excentricidades. Nesse sentido, a pesquisadora Ana Mafalda Leite, lembra-nos do seguinte:

A predominância da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas e não uma resultante da “natureza” africana; mas muitas vezes este fato é confusamente analisado, e muitos críticos partem do princípio de que há algo de ontologicamente oral em África, e que a escrita é um acontecimento disjuntivo e alienígena para os africanos. (LEITE, 2006, p. 33).

Concluimos, pois, haver várias representações orais e, portanto, é imprescindível compreender o termo em sua multiplicidade, e utilizá-lo no plural. As oralidades, marcadamente diferentes, apontam não somente os cenários culturais de cada espaço, mas também registram o processo de transformação que o colonialismo provocou, colocando em xeque valores da tradição, modelando-os ou recriando-os. Como explica a pesquisadora:

O fato de usarmos no plural a palavra “oralidade” visa exatamente demonstrar que, por um lado, as tradições orais são diferentes de país para país, embora com um registro linguístico cultural banto comum, e dentro de cada país, de etnia para etnia, apesar de ser possível encontrar elementos unificadores na caracterização dos gêneros e dos mitos, por exemplo. (LEITE, 2000, p 35).

As mulheres, dentro desta mudança, seguiram silenciadas mas não em silêncio, e essas vozes escondidas em segredos, vem à tona nos romances de Chiziane, muitas vezes misturada à natureza que traz, em seu brado, o descontentamento experimentado pelos mulheres. Nesse sentido, a natureza é uma personagem feminina central, Chiziane une a mulher e o espaço como estratégia estética e política. Inverter a ordem das coisas, ou recolocá-las, mostra uma mudança não somente na forma de narrar, assemelhando-a a uma roda de conversa, mas também nos desafia a olharmos as mulheres e os contextos em que transitam.

Moçambique é inscrito e traduzido pela força e potencialidade do universo oral, o que de certo modo é também uma tentativa de representar as heterogeneidades que compõem o país, as tradições, as culturas e as mulheres nestes espaços. Paulina Chiziane inaugura uma geo-poética feminina, na qual o narrador, o espaço e os personagens compartilham uma visão de mundo em comum, respaldada pela dinâmica da narração calcada na oralidade e na autenticidade de que ela está carregada.

Em *Balada de Amor ao Vento*, Chiziane inverte o lugar da cidade, pois o comum é a cidade possuir seus rios; em Mambone é a terra que é “residente nas margens do rio Save” (p11). Ao deslocar os espaços, organiza seu discurso a partir da fluidez do rio, que sendo rio é água, e sendo água é segredo.

Foi nas águas do rio Save que os amantes se regozijaram da chegada do tempo do amor; é quando o “insólito acontece na floresta” (p.19), e os segredos são ditos. Vejamos a passagem:

Todas estas vozes unem-se no compasso do vento, que espalha pelo mundo uma mensagem de paz. Os leões e os vitelos, acasalados, rugem e mugem num coro de fraternidade. As hienas e as abraçam-se, perdoam-se, reconciliam-se, as aves vestem plumagens coloridas [...]. Em todo o universo há um momento de reflexão, de paz e confraternização: chegou o tempo do amor. (CHIZIANE, 2003, p.29).

O tempo ilusoriamente fica estático, a natureza une-se ao vento e valem espalhando paz, dando aos inocentes a chance de acreditar em sua eternidade. A celebração ao amor é uma dessas pausas mágicas, na qual nem mesmo a serpente ousa interromper os “beijos dos pássaros que se amam, crescem e se multiplicam” (p.19). Por trás desse discurso amoroso, Chiziane desconstrói a imagem da serpente e docemente envenena o leitor, solicitando adentrar à floresta, sem medo da culpa cristã pregada pelo colonialismo tanto pregou. Não é apenas à Mwando que a voz da serpente chama para arrancar “brutalmente a venda de todos os mistérios (p.19)”; é a todos os que estão vendados pelas amarras da tradição e do colonialismo, principalmente em relação às mulheres.

A escritora moçambicana, no artigo intitulado *Eu, mulher...Por uma nova visão de mundo* (CHIZIANE, 2013, p.26) reconhece que a condição social da mulher é fonte de inspiração e tema fulcral de seus romances, pois acredita que, ao tratar desse assunto, afasta os obstáculos que também a cercam, apresentando formas possíveis de se pensar “num futuro próximo não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade (p.32)”.

Para a escritora, as subjetividades femininas devem ser compreendidas e analisadas no social, pois dessa maneira há menos riscos de incorrerem em essencialismos.

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória, do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. (CHIZIANE, 2013, p.202).

A escolha do campo afetivo universaliza a mulher africana. O Feminino que Chiziane nos traz coloca a tradição em questionamento no tocante às mulheres e também denuncia a impossibilidade de condições sociais melhores para estas, tanto no período colonial quanto hoje. Esse feminismo é negro na medida em que as bandeiras levantadas pelo discurso da escritora vão além das bandeiras históricas do Movimento Feminista, que de maneira geral, promoveu uma perspectiva universalista, com um discurso voltado para uma irmandade entre as mulheres, desconsiderando a diferença. O feminismo negro leva as discussões das especificidades de raça e etnia (ARAÚJO, 2001, p.26). Chiziane situa a mulher africana e as peculiaridades da tradição em Moçambique, não sem questioná-lo, mas refletindo sobre corporeidade, ancestralidade e tradição.

Em seus romances, essas as questões de gênero, raça e etnia, não são algo para serem evocados, lembrados, mas principalmente, são formas que permanecem vivas e traduzidas no texto, como parte integrante de um mosaico em movimento e parado. Ler é um exercício de audição e ver é uma caminhada pelo desconhecido.

As dificuldades em enxergar a realidade da tradição moçambicana e compreendê-la na contemporaneidade, nos impede de ver “todos os mistérios”. O discurso que Chiziane traz em sua obra propõe que nos desloquemos do lugar-comum de análise sobre as mulheres ocidentais e passemos a refletir sobre o mundo das mulheres africanas, via personagens femininas, as tradições, o colonialismo e o pós-colonialismo. Tomando como ponto de partida o corpo feminino e o Amor, Chiziane seduz os leitores a ouvirem coisas aparentemente similares e comuns ao universo feminino, porém o que temos é a voz crítica das mulheres, representada nos dilemas vividos pelas personagens que dançam ao sabor do vento, danças circulares de pé no chão, histórias contadas por mulheres comuns de lugares distantes, aproximadas pelo dilema humano do amor e diferenciadas pelo corte histórico-social do colonialismo e pelos reveses do pós-colonialismo.

Referências Bibliográficas

ABDALA JR, Benjamim. **Literatura, história e política. Literaturas de língua portuguesa no século XX.** São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Clara. **Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero.** Crítica Marxista, nº 11. São Paulo: Boitempo, 2001.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CABAÇO, José Luis. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação,** São Paulo, Editora UNESP, 2009

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHAVES, Rita. **A Formação do romance angolano. Entre intenções e gestos.** São Paulo: Via Atlântica, 1999.

_____. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários.** São Paulo: Ateliê, 2005.

_____. e MACEDO, Tânia. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** 10ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Balada de amor ao Vento.** Ed. Caminho, Lisboa, 2003.

_____. **Sétimo juramento.** Ed. Caminho, Lisboa, 2008.

_____. **Eu, mulher...por uma nova visão de mundo,** Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africanas da UFF, v.5, vol.10, Rio de Janeiro, 2013.

CHABALL, Patrick (1994). **Vozes Moçambicanas - Literatura e Nacionalidade** Lisboa: Ed. Vega

DIOGO, Rosália Estelita, **Diáspora, diversidades e deslocamentos.** Fazendo Gênero – UFSC – 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões .** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África**. São Paulo, Ed. Ática - UNESCO, 1980.

LEITE, Ana M. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa, 2000.

_____. **O pós-colonial nas literaturas de língua portuguesa**. Texto apresentado no X Congresso Internacional da ALADAAA, sobre Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à globalização. Rio de Janeiro: 2006.

ORNELLAS, S. **Paulina Chiziane e alguns sentidos do influxo africano**. Ensaios e Resenhas. <http://www.verbo21.com.br/arquivo/64ltx3.htm>. 2006. Acesso em 11/2012.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Silêncios Rompidos: A produção textual das mulheres Africanas**. In: PORTO, Maria Bernadette; REIS, Lívia de Freitas e VI-ANNA, Lúcia Helena (Orgs.). Mulher e Literatura – VII Seminário Nacional. Niterói: Eduff, 2002.

_____. **Entre a Voz e a Letra**. Niterói: EDUFF, 2000.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTIAGO, Silviano, **O entre lugar do discurso latino-americano**, In: **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 (2ª ed.).

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo. Nobel, 1985.

_____. **A natureza do espaço – Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SPIVAK, GAYATRI. **Pode o subalterno falar?** Ed. UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice (O social e o político na pós-modernidade)**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999.